

Rotinas Produtivas em um Telejornal Regional¹

Thaís de ALMEIDA²

Nadja Maria HARTMANN³

Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS

RESUMO

A televisão é fonte de informação para grande parte da população brasileira. Os telejornais com abrangência nacional informam diariamente sobre fatos considerados importantes para o país. O telejornalismo local aborda assuntos mais voltados ao público de cada região. A qualidade do telejornalismo brasileiro depende inteiramente dos profissionais que estão ligados a produção diária de notícias, sejam estas de interesse nacional ou local. Este artigo pretende destacar a relevância da rotina produtiva no trabalho jornalístico em uma redação de um telejornal local. Através da observação da rotina diária de produção, sob o ângulo da teoria do *Newsmaking*.

PALAVRAS-CHAVE: *newsmaking*; produção; telejornalismo; telejornal local; televisão.

Telejornalismo Local

Assistir a um telejornal da sua cidade ou da região permite que o telespectador tenha uma ligação de proximidade com o veículo de comunicação. Mata (2013, p. 80) descreve telejornalismo local como “a criação e manutenção de um vínculo de pertencimento e identidade entre as emissoras locais e regionais [...]”.

Essa relação entre a sociedade e o meio local é segundo o autor um sentimento que permite ao telespectador ver sua vida na TV. Para Mata (2013, p. 21) a “inserção popular no telejornal local, nos ajuda a compreender como os meios de comunicação de massa conquistaram um lugar relevante de significado cultural e social na sociedade contemporânea”.

A produção de programas locais reforça a identidade local e regional. Conforme Hinerasky (2003, p. 183) “as televisões regionais atuam, então, como um espaço

¹ Trabalho inscrito para apresentação no DT 1 – Jornalismo XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Bacharel em Jornalismo, Curso de Jornalismo da UPF/RS, email: thys.almeida@hotmail.com

³ Orientadora do Trabalho. Professora Mestre no Curso de Jornalismo da UPF/RS, email: nhartmann@upf.br

importante de identificação para a população das regiões onde atuam”. No Rio Grande do Sul essa identidade ganha força com a cultura gaúcha. Hinerasky (2003, p. 183) ressalta que “a questão regional possui importância inexorável devido a diversidade étnico-cultural e ao fato de a identidade cultural ser fortemente institucionalizada [...]”.

O telejornalismo local é abordado neste estudo, por se tratar de uma característica da RBS TV Passo Fundo, emissora em que a pesquisa é embasada. Klein (2013, p. 50) colabora com os estudos sobre contextos regionais no Rio Grande do Sul e diz que a RBS TV ganha destaque regional, pois “não deixa de valorizar o local e o regional, tendo ali uma de suas principais fontes de informação e de mercado”.

A RBS TV trabalha em rede e por isso atua há décadas na programação local, estadual e nacional. De acordo com Klein (2013) a emissora “mantém há vários anos a hegemonia estadual, regional e local de televisão, ao mesmo tempo em que, como afiliada a rede Globo participa da hegemonia televisiva nacional” (Klein, 2013, p. 51).

Como a emissora cobre os fatos que acontecem em Passo Fundo e em outros 83 municípios, o Jornal do Almoço se torna um ícone no jornalismo regional para a região Norte do Rio Grande do Sul. Com mais de 900 mil telespectadores, os jornalistas, editores e repórteres cinematográficos da emissora concordam que encontram no JA uma oportunidade de repercutir o trabalho de forma ampla. Como a região de abrangência é grande sempre existem pautas sobre assuntos diversificados, fator determinante, pois facilita o fechamento do telejornal de 13 minutos todos os dias.

Para compreender a rotina de trabalho em uma redação de televisão, é importante saber como a equipe profissional é formada e como esses profissionais se organizam. Para Curado (2002, p. 28) o profissional de TV deve saber trabalhar em equipe e conhecer a “correta distribuição de responsabilidades”.

Rezende (2000) traz a colaboração da repórter Sandra Passarinho (1994) que entende a importância do trabalho em equipe na televisão. De acordo com ela “o eu não existe na televisão. O repórter sozinho não faz nada. A reportagem para dar certo precisa do repórter, do cinegrafista, do iluminador e do operador de áudio, a equipe tem que ser a mais entrosada possível” (PASSARINHO, 1994 apud REZENDE, 2000, p. 72).

Curado (2002, p. 28) destaca que “uma redação de qualquer tamanho terá o mesmo conceito estrutural”. A autora apresenta os cargos e funções encontrados em redações de TV: diretor responsável, diretor executivo ou chefe de redação, chefe de

reportagem, supervisor de imagens ou chefe de operações, apurador, pauteiro, produtor de pauta, repórter (local, regional, nacional e internacional), repórter cinematográfico, assistente, operador, coordenador de vivo, produtor de campo, editor de texto, produtor editor, editor de arte, editor de imagens, âncora, apresentador, locutor de cabine, coordenador de jornal, câmera de estúdio, diretor de TV, operador de VT, operador de áudio / sonoplasta, assistente de estúdio e operador de caracteres. Curado (2002, p. 28) lembra que “os cargos e as funções descritos podem ter outros títulos e atribuições ligeiramente diferentes em casa empresa”.

A Redação do JA Passo Fundo

A pesquisa de observação participante informal, executada há cerca de dois anos, aliada ao estágio que realizado na RBS TV Passo Fundo, permitiu a pesquisadora o acesso a produção do Jornal do Almoço da emissora local e o conhecimento do ambiente de trabalho da redação da emissora.

De acordo com esta pesquisa observacional pode-se afirmar que na RBS TV Passo Fundo algumas funções são acumuladas pelos profissionais que trabalham no local. Isso acontece porque a RBS TV Passo Fundo é uma emissora regional, que não dispõe do mesmo número de profissionais que uma emissora cabeça-de-rede⁴, como é o caso, por exemplo, da RBS TV de Porto Alegre.

O Coordenador de Jornalismo da RBS TV Passo Fundo, Mateus Rodighero ocupa o cargo máximo na redação. Além de exercer as funções deste cargo, o profissional ainda desempenha as atividades de chefe de redação e chefe de reportagem.

Ele comanda essas funções por meio da visão ampla dos assuntos que estão em pauta e deste modo estabelece “a prioridade com que devem ser feitos com o completo controle e conhecimento de todos os meios materiais à disposição da reportagem: pessoal e equipamento” (CURADO, 2002, p. 30). Ainda de acordo com Curado (2002, p. 57) o coordenador de jornalismo atua como “uma espécie de inspetor de disciplina da equipe”.

Mateus Rodighero também é âncora do JA Passo Fundo junto. Curado (2002) define âncora como o profissional que conhece toda a produção do telejornal e que tem

⁴ Controla um centro de produção, que tem ligada a si outras emissoras denominadas como afiliadas. Klein (2013).

autoridade “é o apresentador do programa que acumula essa atividade com a de editor-chefe ou editor – executivo” (CURADO, 2002, p. 54).

Mateus tem conhecimento amplo dos materiais técnicos disponíveis na emissora, organiza a rotina de trabalho das equipes, faz as escalas de trabalho, monitora o ponto dos funcionários e ainda representa o *gatekeeper* da redação, expressão utilizada por Wolf (1987) para definir quem tem o poder de decisão e dá o aval para a produção das reportagens. Quando surge um fato de última hora, é ele que decide se a notícia vai ou não ser exibida e também em que formato.

A redação da RBS TV Passo Fundo conta com cinco repórteres, são eles: Cintia Furlani, Fábio Lehmen, Francieli Alonso, Débora Padilha e Dulci Sachett. Todos trabalham de forma simultânea para a produção de reportagens para o Jornal do Almoço. Conforme Curado (2002, p. 46) o repórter “reúne as informações, faz as entrevistas e apronta o texto da reportagem”.

Quanto à captação de imagens a responsabilidade é dos repórteres cinematográficos da emissora: Leandro Panke, Jeferson Barbosa, Jorge Martins e João Maurício Malheiros. Atualmente quatro profissionais trabalham nesta função na RBS TV Passo Fundo. Para Curado (2002, p. 50) “o cinegrafista capta as imagens que irão ao ar”.

Estes profissionais também acumulam essa função com a de Câmera de Estúdio, um cargo definido por Curado (2002, p. 58) como o que “filma os apresentadores nas bancadas e os entrevistados no estúdio”. Se comparado com o número de repórteres, há um repórter cinematográfico a menos na redação. Isso impõe ao coordenador de telejornalismo fazer um rodízio diário diferenciado para definir qual repórter não vai sair para gravação externa em algum período do dia.

Os editores Jucimar Peccin e Gustavo Deon são responsáveis por editar as reportagens. Para Curado (2002, p. 54) o trabalho do editor de imagens é “alinhar a sequência de imagens e de áudio gravados e as organiza segundo os critérios definidos pela edição”. Estes profissionais também acumulam funções. Um de Diretor de TV, que Curado (2002, p. 58) define como o que “passa de uma câmera para a outra e para os videoteipes ou vivos”. O outro acumula com a função de Operador de Áudio que “abre o som dos microfones e os modula para a exibição” (CURADO, 2002, p. 59).

Dois estudantes de jornalismo realizam estágio na RBS TV Passo Fundo. Os estagiários desempenham seu trabalho na função de Produtor de Pauta, auxiliando o

trabalho dos repórteres. Conforme Curado (2002, p. 44) o produtor trabalha direto com a pauta e é responsável por “realizar as marcações – isto é, encontrar os entrevistados, fazer o levantamento das imagens, visualizar a matéria antes que a equipe vá para a rua”.

Rotina Produtiva do JA Passo Fundo

O Jornal do Almoço é exibido diariamente, de segunda à sexta-feira para Passo Fundo e outros 83 municípios do norte do Rio Grande do Sul. No sábado apenas o JA de Porto Alegre é exibido para todo o estado. Na produção do Jornal do Almoço da RBS TV Passo Fundo, existem rotinas incorporadas no dia a dia. Tais procedimentos ajudam a planejar o trabalho e organizar as equipes. Assim que o telejornal termina, a equipe se reúne na redação para discutir as pautas para o Jornal do Almoço do dia seguinte.

No dia da exibição do telejornal local, a produção começa por volta das sete horas da manhã com ligações para os principais departamentos de segurança de Passo Fundo e região com a intenção de descobrir se ocorrências mais graves foram atendidas nas últimas horas. Ainda no início da manhã, um dos repórteres participa de uma teleconferência com todas as emissoras do Rio Grande do Sul para discutir e ofertar assuntos de reportagens consideradas relevantes para o JA de Porto Alegre.

Além de reportagens, a emissora de Porto Alegre também pode solicitar somente imagens ou até mesmo entradas ao vivo no telejornal exibido para todo o estado. Isso depende do assunto tratado. As emissoras do interior precisam cumprir metas de reportagens veiculadas nos telejornais estaduais por isso é tão importante essa oferta diária de material. Ao cumprir essas metas a emissora reforça seu papel social perante a comunidade local, levando fatos de Passo Fundo e região para o conhecimento de todo o estado.

Em todas as edições o Jornal do Almoço “transmite informações de sua bancada e através de reportagens” (CRUZ, 2006, p. 27). O JA também contempla assuntos com entrevistas ao vivo no estúdio ou em locais externos da própria emissora. Também podem ocorrer entradas ao vivo do repórter em locais diferenciados da cidade. Através da pesquisa observacional notou-se que isso ocorre apenas em casos específicos. O motivo é que a emissora local não dispõe atualmente de um equipamento necessário

para que entradas ao vivo de outros locais sejam realizadas com frequência. Este equipamento vem da emissora matriz que fica em Porto Alegre e nem sempre é acessível devido a sua indisponibilidade

O telejornal apresenta cerca de três manchetes diárias. Existem exceções em que o telejornal não começa com a escalada⁵. A escalada geralmente é suprimida quando o número de notícias é relativamente grande para o telejornal com duração de treze minutos.

Os primeiros fatos do dia são coletados na ronda e os que merecem destaque já são inseridos no espelho. Para Rezende (2000, p. 146) o espelho “sintetiza a organização do telejornal em blocos, a ordem das matérias em cada bloco, bem como dos intervalos comerciais, das chamadas e do encerramento”. Uma triagem inicial dos fatos é realizada e são decididos quais assuntos vão estar no telejornal e qual o formato. Essas escolhas são aprovadas ou não pelo coordenador de jornalismo da RBS Passo Fundo, Mateus Rodighero.

Ainda de acordo com a pesquisa observacional, pode-se afirmar que tendo os assuntos definidos, as equipes começam a se organizar para sair gravar. Se for uma reportagem factual a equipe se desloca de forma mais rápida para não perder o fato. Caso seja uma matéria produzida, não existe tanta pressa para fechar o material e conseqüentemente tudo pode ser feito com mais calma. Geralmente o estagiário faz a produção e posteriormente o repórter sair para a gravação.

Enquanto as equipes estão na rua produzindo o material, os blocos e as manchetes da escalada do JA são organizados. Rezende (2000, p. 147) explica que a escalada é a primeira parte do espelho, sua “função é despertar e manter a atenção e o interesse do telespectador do início ao final do noticiário”. Ela pode ser comparada com a capa de um jornal impresso.

Esta pesquisadora também observou que quando as equipes retornam das gravações os editores de imagem ficam responsáveis por descarregar as imagens do cartão da câmera na ilha de edição⁶ enquanto o repórter escreve o texto. Depois do texto pronto o repórter grava e o editor de imagem edita a matéria, salvo algumas exceções em que o editor não tem tempo para editar, pois está realizando outras demandas e o repórter mesmo edita o material.

⁵ Manchetes sobre os principais assuntos do dia que abrem o jornal. Bistane; Bacellar (2008).

⁶ Ambiente onde ficam os equipamentos de videoteipes para as montagens das matérias. Bistane; Bacellar (2008).

Os editores de imagem quando necessário, também editam versões diferentes de uma mesma reportagem para a RBS TV de Porto Alegre. Podem ser apenas imagens ou reportagens completas que foram ofertadas anteriormente. Este material quando pronto é enviado via rede para a emissora matriz na capital gaúcha. Diversas vezes o repórter precisa editar a reportagem para que haja um fluxo de trabalho mais intenso e rápido na produção do telejornal.

No estúdio além do apresentador trabalham dois repórteres cinematográficos que operam as câmeras. Em algumas exceções apenas um cinegrafista opera as câmeras no estúdio. Isso ocorre quando algum fato factual acontece e uma equipe precisa se deslocar sem um planejamento prévio para cobrir o evento. Simultaneamente na produção trabalham o diretor de imagens, o operador de áudio, o operador de TP⁷ e *switcher*.

Teoria do Newsmaking

Uma rotina produtiva é incorporada nas organizações para que a produção das notícias seja feita de forma mais rápida, segura e eficaz. Tais rotinas ajudam a aperfeiçoar e organizar o trabalho com o tempo disponível nas redações e são tratadas na Teoria do *Newsmaking*. Wolf (1987) explica que a rotina produtiva aumenta a importância dos valores-notícia. O pesquisador aponta três fases principais na produção de informações: “a recolha, a seleção e a apresentação” (WOLF, 1987, p. 193).

Para Wolf (1987, p. 215) a recolha de informações é “influenciada pela necessidade de se ter um fluxo constante e seguro de notícias” Já a seleção das notícias é a escolha do que vai se tornar notícia ou não e “pode ser comparado a um funil do qual se colocam inúmeros dados de que apenas um número restrito consegue ser filtrado”.

Essas rotinas citadas por Wolf também são estudadas por Traquina (2013). De acordo com o autor, tais rotinas já enraizadas nas redações jornalísticas estão diretamente ligadas à produtividade das equipes. Porém, Traquina (2013, p. 93) lembra que “embora o jornalismo inclua muita rotina, o inesperado é o momento mágico incontornável de qualquer filme de Hollywood sobre os jornalistas; os jornalistas

⁷ Abreviação de *Teleprompter*. Equipamento adaptado às câmeras de estúdio que permite a visualização dos textos lidos a distância por quem está na bancada. Bistane; Bacellar (2008).

entram em ação, num ritmo frenético de luta heróica contra o tempo e em dedicação ao imperativo de informar os cidadãos.

As três principais fases da produção citadas por Wolf (1987) anteriormente carregam consigo uma série de valores-notícias já presente na rotina dos jornalistas. Tais valores-notícias são hábitos do profissional que já qualifica como notícia ou não um fato. Traquina (2013, p. 45), diz que “os jornalistas formam hábitos mentais, isto é, maneiras de ver. Deste modo, essa maneira de ver as notícias já estão inseridas no dia a dia de cada profissional. Isso faz com que o trabalho do jornalista seja realizado naturalmente mesmo em momentos que exigem ainda mais rapidez e eficiência em um curto período de tempo.

Estudo de Caso

A partir da pesquisa observacional participante, esta pesquisadora ficou atenta a rotina de trabalho e produção das notícias na redação da RBS TV Passo Fundo. A primeira dupla de repórter e cinegrafista começa a trabalhar antes das oito horas da manhã e quando devem fazer uma reportagem para ser o JA do mesmo dia, a equipe tem no máximo três horas e meia para produzir todo o material.

Essa produção inclui o agendamento com as fontes, o deslocamento, a gravação de imagens de apoio, entrevistas e passagem do repórter, texto e edição. Caso a equipe não consiga finalizar o material a tempo a reportagem corre o risco de não ser exibida, além de comprometer o planejamento do telejornal.

A segunda equipe inicia por volta das nove horas da manhã. Quando é para o JA a equipe geralmente não fecha reportagem, opta por formatos mais rápidos para a produção, como *stand up*⁸ ou entradas ao vivo. Estes horários podem sofrer alguma alteração dependendo do agendamento anterior de pautas por parte dos repórteres.

Durante a manhã os dois editores / apresentadores escrevem o script do telejornal enquanto esperam o conteúdo que precisa ser finalizado ou que está em produção na rua. Durante o processo de construção do script, já com os assuntos e formatos delimitados, chegam novas sugestões de pauta na redação. Sempre que uma sugestão nova aparece via telefone, e-mail ou até mesmo por telespectadores que se

⁸ Também pode ser chamado que *flash* ou boletim. Usado para noticiar um fato em cima da hora ou que não se tem imagem. Bistane; Baccelar (2008).

deslocam até a RBS TV os jornalistas avaliam se é interessante ou não. Esse processo de avaliação é constante, pois se um fato novo for relevante pode ganhar espaço no telejornal em produção.

Ainda embasada com a pesquisa observacional participante, pode-se afirmar que o espelho do telejornal é fechado por volta do meio dia. Próximo deste horário as laudas e os espelhos são impressos e toda a equipe toma seus postos na produção e estúdio do telejornal. Essa é a hora em que o *dead line* mais implica na equipe que está focada no que ainda precisa ser feito para que o telejornal seja exibido de maneira correta. Importante ressaltar que o JA é um telejornal feito ao vivo e por isso o *dead line* deve ser cumprido à risca.

Conforme observado pela pesquisadora já ocorreram situações em que uma reportagem não ficou pronta a tempo para ser exibida no telejornal. Isso obrigou os apresentadores a alterar a ordem dos blocos do JA. Essas mudanças podem comprometer uma estrutura já estabelecida anteriormente no script do telejornal. Além disso, outra questão que deve ser considerada é que se o VT programado não é exibido o telejornal não fecha o tempo necessário de 13 minutos de exibição local.

É importante ressaltar que o Jornal do Almoço deve obedecer ao seu tempo estimado de treze minutos. Na pior das hipóteses se o telejornal não fechar este tempo um relatório é gerado pelo setor de exibição da emissora e é encaminhado para a coordenação de programação em Porto Alegre, que solicita ao coordenador de jornalismo local uma explicação sobre o problema. O principal agravante neste caso é que a emissora deixa de utilizar esse espaço com conteúdo jornalístico. Essas situações e mudanças em cima da hora causam muita tensão na equipe que precisa estar atenta a diversos detalhes na apresentação do telejornal.

Organizado em dois blocos, o Jornal do Almoço de Passo Fundo pode distribuir de forma que melhor se adéqua o tempo dos blocos, tanto que a soma dos mesmos seja um total de treze minutos. Rezende (2000) afirma as reportagens são distribuídas em blocos e que estes “[...] são separados por intervalos para os comerciais e chamadas para outros programas da emissora. Esses intervalos normalmente começam e terminam com vinhetas que identificam o programa [...]” (REZENDE, 2000, p. 147).

No fim do primeiro bloco o apresentador faz uma chamada para o próximo. No caso do Jornal do Almoço de Passo Fundo “a seguir” do segundo bloco é utilizado para chamar o telespectador para o último bloco do JA ao vivo de Porto Alegre. Rezende

(2000, p. 148) diz que “por meio das passagens de bloco são chamadas sob a forma de pequenas manchetes relativas as informações principais que serão veiculadas no bloco seguinte”.

Esta pesquisadora observou que existem limitações que podem atrapalhar ou até mesmo comprometer a exibição do telejornal. Podem ser citados aqui problemas na rede quando um VT não chega ao sistema online da exibição e quando equipamentos essenciais para o telejornal apresentam problemas, como microfones, pilhas dos microfones ou TP.

Quando estes problemas operacionais acontecem com o jornal no ar a produção pode deixar de exibir uma reportagem ou não ter a condição de prosseguir uma entrevista. É importante ressaltar que tais situações não são frequentes, mas quando acontecem interferem de forma negativa na produção, apresentação e exibição do telejornal.

Considerações Finais

Após ter conhecimento das considerações obtidas através dos apontamentos da observação participante da pesquisadora, propõem-se agora um diálogo entre tais constatações e a teoria do *Newsmaking* que também é parte do corpo teórico deste artigo.

A primeira observação diz respeito a relação de proximidade que a RBS TV Passo Fundo tem com seus cerca de 900 mil telespectadores. A emissora criou uma identidade junto a sociedade local e regional. Essa identidade é para Mata (2013, p. 80), “um vínculo de pertencimento”. O público que assiste a RBS Passo Fundo é muito atento, crítico e participativo. De acordo com a observação realizada por esta pesquisadora, pode-se afirmar que quando uma reportagem chama a atenção por algum motivo, quando o apresentador pede sugestões de pauta no quadro *JA nos Bairros*, ou ainda quando alguma informação é divulgada de forma incorreta os telespectadores ligam imediatamente para a redação.

Diante disso, pode-se perceber que o público exigente acompanha a cobertura que a emissora faz dos principais acontecimentos da região. Para Hinerasky (2003, p. 183) a RBS TV Passo Fundo se tornou “um espaço importante de identificação para a população”.

A exigência do público da emissora tem reflexos no trabalho dos profissionais. Através da observação participante, pode perceber que quando um fato importante acontece e a equipe não está presente, a comunidade cobra da emissora. Os telespectadores ligam para a redação pedindo a presença da equipe do telejornalismo. Para Soares e Oliveira (2007) o público pauta discussões. Mas conforme afirma Piccinin (2005, p. 129) na televisão “a rotina diária de produção e exibição está submetida a uma série de limitações e operações” que muitas vezes não possibilitam a cobertura de alguns fatos.

Tais situações ocorrem com maior frequência quando a pauta é longe de Passo Fundo em municípios da região. Para Squirra (1995, p. 49) “a notícia é o que está acontecendo agora, o que acontece em um tempo presente imediato”, mas o coordenador de telejornalismo precisa obedecer a uma série de padrões para conseguir dar conta da cobertura de uma série de fatos. Podem ser citados como limitações e operações a escala de trabalho, as horas extras realizadas pelos profissionais, a quantidade de mão-de-obra disponível, a quantidade de equipamentos, entre outros.

Vale destacar aqui que a emissora busca incessantemente contemplar os principais fatos de Passo Fundo e região. O coordenador de jornalismo da equipe, Mateus Rodighero disse que quando não há tempo para que seja feita uma matéria mais produzida “subterfúgios podem ser utilizados como alternativa em casos específicos”.

A rotina que é considerada “saudável” para os jornalistas da emissora. Os repórteres acham natural conviver com a correria diária do jornalismo de TV. Wolf (1987), estudioso da teoria do *Newsmaking* entende esse processo quando fala que entre o profissional e a empresa existem relações que misturam as características do veículo de comunicação com a bagagem cultural do jornalista.

Com o acúmulo de funções o coordenador Mateus Rodighero coordena o fluxo de informações e trabalha com os limites da organização do trabalho na redação. A teoria do *Newsmaking* trata desse acúmulo. Wolf (1987, p. 215) chega a dizer que “para os jornalistas a eficiência existe para permitir o rendimento de três recursos que são escassos: o pessoal, o formato e o tempo de produção”. Tais aspectos levantados pela teoria do *Newsmaking* são evidenciados pelos profissionais e na observação participantes desta pesquisadora.

REFERÊNCIAS

BISTANE, Luciana.; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CRUZ, Fábio S. **A Cultura da Mídia no Rio Grande do Sul: O caso MST e o Jornal do Almoço**. Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/cruz-fabio-cultura-da-midia.pdf>

Acessado em 20/março/2017

CURADO, Olga. **A notícia na tv: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo**. São Paulo, Alegro, 2002.

HINERASKY, Daniela Aline. **O pampa virou cidade? Um estudo sobre a inserção regional na TV aberta gaúcha** - Biblioteca Digital FGV 2003. Disponível em:

<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2188/1327>

Acessado em 23/março/2017

KLEIN, Otávio José. **A notícia em rede: Processos e práticas de produção da notícia em rede regional de televisão**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2013.

MATA, Jhonatan. **Um Telejornal pra Chamar de Seu: identidade, representação e inserção popular no telejornalismo local**. Florianópolis: Insular, 2013.

PICCININ, Fabiana. **Produção de notícias em dois mundos: O Newsmaking no Telejornalismo Português e Brasileiro** - Portal Revistas Eletrônicas PUC RS 2005.

Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/famecos/article/view/873>

Acessado em 04/abril/2017.

REZENDE, Guilherme Jorge. **Gêneros jornalísticos na Televisão Brasileira** - Portal Intercom 2009. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2902-1.pdf>

Acessado em: 12/março/2017

REZENDE, Guilherme J. **Telejornalismo no Brasil: Um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

SQUIRRA, Sebastião C. de Moraes. **Aprender Telejornalismo: Produção e técnica**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2013.

WOLF, Mauro. **Teorie dele Comunicazioni di Massa**. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Presença, 1987.